

# Os gadgets

**Marcela Antelo<sup>1</sup>**

UCSAL – Bahia

*“Por un lado, este discurso ha engendrado todo tipo de instrumentos que, desde el punto de vista que es el nuestro, hay que calificar de gadgets. De ahora en adelante, y mucho más de lo que creen, todos ustedes son sujetos de instrumentos que, del microscopio a la radio-televisión, se han convertido en elementos de su existencia. En la actualidad, no pueden siquiera medir su alcance, pero no por ello dejan de formar parte de lo que llamé el discurso científico, en tanto un discurso es lo que determina una forma de vínculo social”.*  
(LACAN, *Sem. XX*, 1972/3, p. 174)

*’’Alors là la boucle se boucle sur ce que je viens de vous dire tout à l’heure: l’avenir de la psychanalyse est quelque chose qui dépend de ce qu’il adviendra de ce réel, à savoir si les gadgets par exemple gagneront vraiment à la main, si nous arriverons à devenir nous-mêmes animés vraiment par les gadgets. Je dois dire que ça me paraît peu probable. Nous n’arriverons pas vraiment à faire que le gadget ne soit pas un symptôme, car il l’est pour l’instant tout à fait évidemment”.*  
(LACAN, *La Troisième*, 1974, p. 203)



**Ilustração 1. Praga, Kafka Museum**

**Resumo:** O homem como deus com próteses definido por Freud tece relações sintomáticas com os objetos que suportam esta função: ora seduzem o desejo, ora o causam, ora o obturam. Os *gadgets* como produtos do casamento da ciência e do capital são testemunhos do fracasso da cultura em racionalizar o instrumental. Revelam, da maneira mais pura, o feitiço selvagem que, em palavras de Marx,

---

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidad de Buenos Aires; Professora do Curso de pós-graduação em Cinema – UCSAL, Bahia; Mestre em Filosofia pela Universidad Nacional de Mar del Plata; e-mail: marcela.antelo@gmail.com.

marca com a inutilidade o excesso da produção capitalista. Hoje são signo da prática ética, estética e material do efêmero. Lacan pensou que nunca chegarão a animar-nos verdadeiramente, mas sim faremos sintomas ao redor deles.

**Palavras-chave:** gadgets; discurso capitalista; mal-estar na civilização; tecnologia

O *gadget* é um sintoma do delírio funcional contemporâneo que toma o objeto como fonte de satisfação. É a nova estrela, o novo astro da civilização (MILLER, 2005). Filho pródigo do casamento entre o artifício e a utilidade da inutilidade, vocação da forma pela ficção, excentricidade, complicação vã que persegue a posta em cena do signo da novidade na obsessão pelo detalhe, tira-gosto da necessidade. O *gadget* revela, põe em cena, o esgotamento do valor instrumental do objeto e o esplendor do seu valor de signo. O valor de uso é o álibi do valor de troca. O bem não está no valor de uso e sim no fato de que o sujeito possa dele dispor. O disponível, sua partilha, sua disputa. O artifício, a ficção, resultado do emplacado dos significantes sobre o mundo, determina a função dos bens. O domínio do bem é o nascimento do poder diz Lacan, “dispor dos seus bens, é ter o direito de privar os outros deles” (LACAN, 1960/1986, p. 269-270). O valor de uso não se reduz a utilidade, cede seu lugar ao valor de gozo. A distância que vai da organização das necessidades à organização dos desejos é o território que o gadget coloniza e onde o capital se nutre.

O século passado testemunha a metamorfose dos objetos mais fúteis em úteis, sem os quais não se pode viver, sedução imbatível da funcionalidade que segue trajetórias de ficção. Objetos subjetivamente funcionais. O prazer do valor de uso<sup>2</sup> foi consagrado por Gilles Lipovetsky em 1990 que se alia com Baudrillard para desmistificar a ideologia do consumo como comportamento individual utilitarista e elevá-lo a dignidade de uma lógica social. Devemos distinguir o objeto como ferramenta, como mercancia, como símbolo e como signo assim como distinguir as diferentes lógicas que os ordenam, funcional, econômica, da mudança e do valor.

---

<sup>2</sup> Já em suas Mitologias (BARTHES, 1957/1999) havia sublinhado como os brinquedos de plástico, sem vida póstuma, introduziam a sinestesia do uso e não a do prazer como os brinquedos de madeira, crianças como usuárias e não como criadoras.

Todos nós conhecemos algum colecionador que guarda maniacamente peças avulsas que não servem para nada porque em algum momento podem ser úteis para algo. Funcionalidade imaginária suposta a qualquer maquinaria, mistério funcional dos objetos. “A verdadeira funcionalidade da máquina é da ordem inconsciente: daí vem a fascinação que exerce” (BAUDRILLARD, 1968, p.165). A funcionalidade é libidinal; tal como demonstra Freud no *Fort Da* do seu neto; o valor lúdico de um objeto produzido pela técnica, um carretel de linha e sua inutilidade potencial se associam para produzir um meio de gozo. Por trás de cada objeto real há um objeto sonhado, diz Baudrillard.

Já Schopenhauer pensava os desejos como instrumentos de tortura, diz Ferrer, “Quem cobiça objetos, acontecimentos ou pessoas tira um passaporte para a frustração porque a luta para consegui-los faz padecer e uma vez acumulados não redimem do sofrimento” (FERRER, 2003, p. 1). Desejar o menos possível é o ideal de Schopenhauer, seu impossível. A vontade encarnada é o nó antropológico fundamental que os *gadgets* evidenciam, e é tão cega e acéfala como a pulsão freudiana.

Especialistas em consumo chegaram a isolar cinco mecanismos que sustentam a escalada consumista e que fazem do objeto o astro da civilização atual. O primeiro argumento sociológico, já largamente criticado, é a emulação que as classes baixas fazem do nível de consumo da classe imediatamente superior: até que os de baixo não tenham os mesmos objetos que os de cima, a demanda não cessará (HIRSCH, 1977). Para marcar sua posição, os de cima desejam novos objetos, tornando esta espiral infinita que esmaga os objetos “posicionais” como obsoletos apenas deixem de marcar o singular de uma posição. Temos visto como passa o celular dos bolsos de alguns aos de todos com velocidade assombrosa.

O segundo mecanismo é a influência do capital e seus aparelhos, marketing, publicidade, criando falsas necessidades que, com a oferta, cria demanda. Ambos os argumentos têm sido criticados (FINE & LEOPOLD, 1993 e MC CRACKEN, 1988) por fazer tabula rasa de uma suposta lucidez dos consumidores com suas avaliações hierárquicas de gostos e posses. O argumento é também objetado por simplificar o processo de reprodução da sociedade de consumo. A construção da identidade a partir dos apetrechos, uma vez constatada a queda dos grandes ideais da modernidade, a estimulação mental que a novidade produz em um refresco do

desejo e a compatibilidade estética com o *design* “estiloso” fundamentam os restantes mecanismos da ascensão do objeto ao zênite social, — céu social, como resumiu Lacan, 1970, em seu neologismo “sociel”<sup>3</sup> — da civilização. O consumo do consumo (BAUDRILLARD; CROCI & VITALE, 2000), verdadeiro fetichismo do signo, vem substituir o tradicional fetichismo da mercadoria introduzido por Marx. “A proliferação de elementos a-estruturais (automatismos, acessórios, diferenças inessenciais) que fazem o triunfalismo do objeto, é uma espécie de câncer” (BAUDRILLARD, 1968, p. 175).

Câncer, ornamento, apropriação, antropofagia, as metáforas da ação da técnica sobre o sujeito que esta determina não cessam. Um feitiço selvagem toma literalmente a mão do homem, artesão do dom maravilhoso, e a conduz a desenvolver maquinarias que criam novas fontes de necessidade que a mão extenuada se revela incapaz de satisfazer. Consume-se o próprio processo de consumo e essa repetição faz gozar. Os objetos tecnológicos acabam impondo seus modos de ser e dão origem a discursos demonizadores o elegíacos tão antigos como o filho acorrentado do deus. Marx, (1956/1969/1999), fala de infâmia.

A ideologia do mercado assegura que todos os seres humanos se dão mal quando tentam controlar seus próprios destinos (o socialismo é impossível), e que temos sorte de poder contar com este mecanismo impessoal —o mercado— que pode tomar o lugar da ‘hybris’ do planejamento humanos, e substituir de uma só vez a capacidade de decisão dos homens. Só precisamos manter esse mecanismo bem azeitado e limpo, e ele — como o monarca faz há tantos séculos—tomará conta de nós e de manter-nos em linha (JAMESON, 1996, p. 280).

## **Técnica e Tecnologia**

Judith Miller, formada em filosofia, precisa a diferença entre os objetos produzidos pela técnica e os objetos tecnológicos. São duas racionalidades diferentes, diz. A solução de um problema técnico satisfaz uma exigência do ser, uma necessidade do homem, em troca, a solução de um problema tecnológico satisfaz um discurso.

---

<sup>3</sup> Lacan prognosticou que o novo astro (o objeto a) se elevaria ao céu social (cria o neologismo “sociel”). LACAN, J. [1973] “Télévision”, in *Outros escritos*, Cap. 8. Jacques Alain Miller comentou várias vezes este enunciado a propósito da multiplicação de artifícios por meio dos quais o real devora a natureza e que lhe serve de apoio no seu seminário “O Outro que não existe e seus comitês de ética”. Também em “Fantasia” em *Opção lacaniana*, N° 42, Janeiro 2005 (pp. 7-18).

É surpreendente o caráter recente que a inovação do termo tecnologia introduz em relação à técnica. A palavra baseada em sua raiz grega *techné* chega ao inglês no século XVII, mas se refere inicialmente a tratados, discursos ou aprendizagens relativos às artes mecânicas. Em tempos da revolução industrial mantém esta generalidade, referindo-se sobre tudo a um tipo de livro, exceto para poucos pioneiros como Veblen que, no começo do século passado, começa a usar a palavra para referir-se coletivamente às artes mecânicas, tendência que só se consagra depois da Primeira Guerra Mundial. Já em 1862, a palavra tecnologia aparece nomeando uma nova instituição de ensino, The Massachusetts Institute of Technology. O físico e botânico Jacob Bigelow introduziu a palavra em 1828. Nos anos 1880-1920 inovações tais como o advento da eletricidade, o automóvel, o rádio, o telefone, o avião e a imagem em movimento marcam a época da chamada Segunda Revolução Industrial. Henry Adams (1973) anuncia a aparição de um novo americano, novo engendro da natureza, que imagina nascido desde 1900, uma espécie de deus de incalculável poder químico, elétrico e radioativo.

Historiadores da técnica coincidem em afirmar que é o crescimento das indústrias químicas e elétricas de finais do século XIX que começa a consolidar esta nova entidade chamada tecnologia, amálgama da ciência e da indústria.

No caminho que vai do mundo ordenado da técnica pré-científica praticada na antiguidade até a Idade Média, ao não mundo, - ao “imundo” diria Lacan-, da ciência moderna, se extravia o ser. “É um universo que é perfeitamente indiferente ao ser que tenta saber como funciona” (MILLER, 1994, p.34). Alexandre Koyré, citado por Judith Miller, afirma que a ciência grega não foi capaz de dar à luz a uma verdadeira tecnologia, apesar de contar com um saber matemático, porque no horizonte se contava com a relação harmoniosa entre o homem e a natureza, certa homogeneidade entre os registros, se inventam instrumentos de medida que falam a mesma linguagem. O saber científico excluirá esta relação harmoniosa, não haverá relação, não haverá mais lugar para o sujeito.

## O *gadget* e a demanda de novidade

Uma vez feita esta diferença entre técnica e tecnologia podemos diferenciar o *gadget* dentro do tecnológico como articulação da ciência com o discurso do mestre que ordena que tudo funcione. Nem tudo que é de ordem tecnológica é *gadget*. O que caracteriza o *gadget*, diz Judith Miller, no mesmo artigo que comentamos, é o fato de suscitar uma demanda nova: “O *gadget* é então o objeto tecnológico tomado no discurso do mestre e no circuito do mercado. É nisso que pode dar-se como fútil, e até como inútil, em todo caso para o avanço o discurso científico” (MILLER, 1994, p. 35).

Neologismo nascido de uma das relações ambivalentes mais agalmáticas da história, franceses e americanos, o *gadget* ou os *gadgets* — sempre merecem o plural — contam com um surpreendente mito de origem. Aos 100 anos da Independência americana, os franceses oferecem aos americanos uma Estátua da Liberdade forjada pelo escultor Bartholdi cuja carpintaria metálica foi instalada no atelier de Monsieur Gadget (BIALEK, 1994), escultor também, mas com habilidades em marketing, quem cria em Paris em 1884, uma réplica da estátua em miniatura, que venderá a ambos os povos que batizaram a bagatela com o nome-do-pai: *gadget*.



**Ilustração 2. Coliseos e Vaticanos**

Com uma careta sinistra, o mercado capitalista se apropria da racionalidade científica que exclui o sujeito e fabrica cada vez mais objetos, provocando o retorno do sujeito no campo da ciência aplicada que se dirige a ele. A ciência

aplicada captura o sujeito com suas ofertas causando incessantemente seu desejo. Sujeita seu gozo a um saber sem amo que o conduz por um circuito calculado, cujo automatismo desconhece por completo, mas que o instiga. Para Jean Baudrillard (1968), o objeto automatizado ao caminhar sozinho impõe uma semelhança com o indivíduo humano autônomo; isso produz sua fascinação. Já mencionamos o desejo de automatismo. O automatismo é a verdade imaginária do objeto técnico que brinda uma satisfação esotérica no cotidiano. O trabalho, gozo da renúncia ao gozo contemporâneo, segue as pegadas do automatismo que consegue transformar até o ócio em imposição do mercado.

Servidão voluntária que, segundo Judith Miller (1994), tem o futuro assegurado quanto mais desconhecidas sejam as molas de seus circuitos. Vãos os esforços de criar máquinas mais amigáveis, interfaces francas; Alguns especialistas mostram não saber que, para triunfar, o objeto deve guardar seu segredo.

Da prudência e da renúncia à *hybris* dos antigos, proposta pelos objetos do prazer à provocação moderna do desejo de objetos protéticos que nos caracteriza, registramos uma mudança radical na sabedoria do ser. Qual é o mecanismo que transforma objetos desnecessários em posses indispensáveis?

Os dicionários não encontram consenso na hora de remarcar a inutilidade ou utilidade do *gadget*. A pista mais clara, a da *slang* anglo saxão, que os vincula inicialmente a instrumentos, artefatos, artifícios que só por extensão se degradam à banalidade de quinquilharias. Podemos ler também que a palavra é elusiva e inespecífica em sua significação e sua aparição impressa em língua inglesa data de 1886, referindo-se à maneira coloquial em que os marinheiros nomeiam sua parafernália. O Dicionário Robert define o *gadget* como “objeto engenhoso, divertido e novo, com freqüência sem utilidade e por extensão, idéia engenhosa cuja seriedade é discutível” (AYTO, 1990).

Como o objeto Mac Guffin de Hitchcock, o *gadget* às vezes é o X que não se nomeia, o quê da coisa que resiste a ser nomeado, uma palavra curinga. Escreve Sophie Bialek:

a palavra mesma faz enigma... Como outras tantas vezes, Lacan nos surpreende com sua escolha de um termo obsoleto que atrai nossa atenção. O significante ‘gadget’ parece dotado de um estranho poder de auto-designação. Uma palavra fútil, supérflua na língua, americanizada (BIALEK, 1994, p.15).

O *gadget* desenha uma espécie de caricatura do individualismo contemporâneo que na solidão do Um desfruta do objeto para todos. Obra aberta, esta vegetação proliferante, por onde o consumidor deverá guiar-se tateando, já que tudo pode acabar sendo *gadget*, até um livro, como diz Derrida de Fukuyama.

O Jornal inglês “The Independent” publica uma compilação feita por Simon Usborne (2007), “101 gadgets que mudaram o mundo”. Não aparecem aí as famosas orelhas de Mickey nem o aparelho de extrair caroço de azeitona. O sério da série consiste em tentar estabelecer quando possível a paternidade da invenção. Desde os tambores e os ábacos babilônicos, o botão, o zíper, o fósforo, o guarda-chuva, a bicicleta, a frigideira, o anzol, o lápis e a lâmpada, a chave de Yales, a guilhotina, a seringa, a camisinha e o velcro, o termômetro, o microscópio, o telescópio, a máquina de barbear, a de costurar, a torradeira, o clipe de papel, o radio, o laser, o Vinil, o CD, o VHS, o micro chip, a fibra ótica. Da dinamita de Nobel até a primeira arma automática de Hiram Maxim que também inventou a ratoeira. Da pílula até a escova de dente inventada por um chinês anônimo em 1498, do indispensável Post-It de Art Fry até o Ipod de Jonathan Ive que vende 2000 aparelhos por hora.

A promoção publicitária da diferença, a sucessão de gerações de *gadgets*, morte prematura de muitos objetos, a substituição incessável identificam nossa civilização atual.

No final da pós-guerra, os ingleses inventaram a palavra *expendability*, (COLLINS, 1999) para qualificar o que pode ser consumido, esgotado, que não é essencial nem necessita ser preservado, que é apto para ser sacrificado, essência da *throwaway economy*. Qualquer “sudaca” viajado sabe que chegando, por exemplo, em Londres, poderá obter a panóplia básica de objetos de sua moradia nas latas de lixo dos nativos. Literalmente, um mundo se alimenta do imundo do outro. O estigma da hominização sobre o planeta desde a pré-história é o depósito de lixo, afirma Lacan apelando ao paleontólogo Teilhard de Chardin. Em média, um americano produz 52 toneladas de lixo na vida (SALE, 1996). Lacan, seguindo Joyce, disse que a civilização é esgoto. Inventa um neologismo para nomear a coincidência do objeto com o abjeto: *l’abjet*<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Em *Télévision* quando Lacan designa o (*a*) como fundante da angústia. (p.38) “Fonder (la psychanalyse), dis-je, de cet abjet comme je désigne maintenant plutôt mon objet a”.



## A clássica descrição que Baudrillard fez da Disneylândia ...

Um leque de ‘gadgets’ magnetiza a multidão canalizando-a em fluxos dirigidos e fora, nessa espécie de campo de concentração que é seu estacionamento, a solidão dirigida a um ‘gadget’ só, o ‘verdadeiro’, o automóvel (BAUDRILLARD, 2002, p. 29).

O automóvel como coisa libidinal tem sido infinitamente ilustrado. Uma paciente de Ela Sharpe afirma: “Não tenho nenhuma necessidade deste carro...mas de todos modos tenho extrema vontade de tê-lo [la em francês], eu o [a] quero, amo isso”. E ela não se equivoca, comenta Lacan no seminário sobre o desejo. “Pela primeira vez — diz Ela — tinha ante a mim uma ‘libidinal thing’” (LACAN, 1959, p.11).

Baudrillard escreve as linhas que fazem do automóvel paradigma:

*Assim, o objeto automatizado representa a consciência humana na sua autonomia, seu poder de controle e domínio. Esse poder vai mais além da prosaica funcionalidade e disso sabem muito os vendedores de automóveis-. O objeto é irracionalmente complicado, se enche de detalhes supérfluos e viaja em um jogo de significações muito mais além de suas determinações objetivas. E continua:*

*Esse artefato poderá ter rearticulado e enriquecido as relações humanas,... mas muito rapidamente foi sobrecarregado de funções parasitárias de prestígio, de conforto, de projeção inconsciente... que frearam e depois bloquearam sua função de síntese humana (BAUDRILLARD, 1968, p. 178).*

A taxonomia de *gadgets* iniciada por Baudrillard no seu sistema será lamentavelmente deixada de lado, posteriormente, quando a idéia da vingança da redução do objeto a signo se lhe impor.

## A ciência governa o desejo e ordena o gozo

*“O princípio da sociedade civil é o gozo e a capacidade de fruir”*  
Karl Marx

Anos antes de interrogar-se sobre os *gadgets*, Lacan inventou as *latusas*. As *latusas* povoam a aletosfera, misto de atmosfera e *Aletheia*. A extensão da ciência, a práxis da sua verdade formalizada, rodeia esfericamente a terra com suas

produções. O neologismo original *lethouse*, *latusa*, vem de duas palavras gregas, o esquecimento, propriedade do rio *Lethé* onde a verdade fica esquecida e *Ousia*, substância, entre o outro e o ente, diz Lacan (1969-70). Rima com ventosa e dela extrai sua vocação de colar-se na carne do falasser. Substâncias prometidas ao gozo de ver e de dar a ver e ao gozo, de escutar e dar a escutar, de invocar (dar a voz) e ser invocados. Televisão, rádio, redes de ondas Hertz, fluxos globais de mídia e tecnologia que rarificam a atmosfera.

O discurso científico engendra, por um lado, instrumentos que se tornam indispensáveis para a prolongação da vida, e a extensão de sua “qualidade” – como a idealização a batiza – e pelo outro, sofisticados e precisos instrumentos de controle e destruição em massa. Como consequência inelutável fabrica restos, os dejetos, efeitos de estrago e devastação que a própria razão instrumental ocasiona. Instrumentos e sujeitos sujeitados, enlaçados pela cumplicidade de dois discursos. O discurso capitalista, variante do discurso do amo, que revela o caos do lucro e o extravio do indivíduo no mar de objetos, e o discurso histórico, que põe a trabalhar o amo em prol de sua incurável insatisfação, sustentam os produtos da ciência.

Lacan dirá, no seu seminário *Encore* (1972-73), citado na epígrafe, que é necessário qualificar de *gadgets* os pequenos objetos produzidos pela ciência. Eles nos oferecem somente um tira-gosto para enganar a fome real, a falta constitutiva, aquela que causara o horror de Prometeu. O excesso, imanente à condição humana segundo Marx, condena ao consumo ilimitado.

Os *gadgets* são o testemunho do fracasso da cultura no movimento de defesa dos objetos por meio de sua redução à função de úteis. Revelam da maneira mais pura o feitiço selvagem que, em palavras de Marx, marca com a inutilidade o excesso da produção capitalista.

Um ano depois, em sua conferência *La troisième*, Lacan (1974/1988) localiza o momento a partir do qual a ciência gera objetos novos, inadvertidos por saberes anteriores. As fórmulas de Galileu levam o crédito da formalização da ciência e do cálculo, produtores de novos objetos reais. A ciência, se pergunta

Lacan, o que nos oferece?: “Nos coloca ‘gadgets’ para beliscar,...em lugar daquilo que nos falta”<sup>5</sup>.

Este lugar de suplência transforma os *gadgets* em instrumentos, em meios de gozo. Como tal, podem encarnar a função tanto de sintomas coletivos como individuais ao proporcionar o surgimento de uma verdade que no cala. O curto-circuito da utilidade venerada com o gozo que pode inutilizar qualquer conquista ou desviá-la do seu propósito servil. Verdadeiros deuses da época, verdades reveladas, simulam a tecnicidade e seu mandato de eficiência, ao tempo que revelam o gozo da inutilidade, o destino fútil do próprio gesto prometeico.

O exame da experiência estética e emocional dos bens e artefatos na vida cotidiana ganha espaço entre as filas dos estúdios culturais e aproximações multidisciplinares tão em voga, análises históricas, semióticas, etnográficas, e literárias relegam ao cofre das recordações do século passado, o estudo dos aspectos utilitaristas do consumo.

A indiferença do ser para com o funcionamento do artefato, para com o impacto de sua rápida proliferação no ambiente, para com sua estranha humanidade, se permuta em interesse por reconhecer e classificar, indexar, comportamentos de consumidores e usuários. A quantificação ao serviço do marketing revela o máximo de inutilidade para o maior número.

Seremos verdadeiramente animados pelos *gadgets*<sup>6</sup>?, se pergunta Lacan no segundo epígrafe citado. Se assim fosse a psicanálise deixaria de existir. Lacan duvida. O sintoma impedirá a animação total. O sintoma é a pedra no meio do caminho da imposição da ciência e do capital. Acidente de percurso, equivocação, uso singular. O erro é o homem do automatismo. Sua objeção. Seu parceiro

---

<sup>5</sup> A expressão “sous la dent” se refere à função bifronte do tira-gosto/aperitivo que se usa tanto para acalmar como para abrir o apetite já que um belisco não o satisfaz. Versão original: “Nous avons fait quelques petits progrès depuis, mais qu'est-ce que ça donne en fin de compte, la science? Ça nous donne à nous mettre sous la dent à la place de ce qui nous manque dans le rapport, dans le rapport de la connaissance, comme je disais tout à l'heure, ça nous donne à cette place en fin de compte ce qui, pour la plupart des gens, tous ceux qui sont là en particulier, se réduit à des gadgets: la télévision, le voyage dans la lune, et encore le voyage dans la lune, vous n'y allez pas, il n'y en a que quelques-uns sélectionnés. Mais vous le voyez à la télévision. C'est ça, la science part de là. Et c'est pour ça que je mets espoir dans le fait que, passant au-dessous de toute représentation, nous arriverons peut-être à avoir sur la vie quelques données plus satisfaisantes” (LACAN, J. 1974/1988).

<sup>6</sup> Esta pergunta foi aprofundada em outra ocasião: ANTELO, M. (2006) “O pai da alma”, in *Latasa*, Nº11, Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, p. 25-37.

sintoma.

## Referências Bibliográficas

ADAMS, H. (1973) *The Education of Henry Adams*. Boston: Houghton Mifflin.

AYTO, J. (1990) *Dictionary of Words Origins*. New York: Arcade Publishing.

BAUDRILLARD, J. (1968) *Le système des objets*. Paris: Gallimard.

BAUDRILLARD, J. ; CROCI, P. & VITALE, A., (Orgs.) (2000) “El Objeto de Consumo”, in *Los Cuerpos Dóviles*. Buenos Aires: La Marca, p 60-66.

BAUDRILLARD, J. (2002) *Cultura y simulacro*, Barcelona: Kairós.

BIALEK, S. (1994) “La psychanalyse ou les gadgets”, in *La psychanalyse et les gadgets, Bibliotheque Confluents*, Volume Corbeil. ACF Île de France: Gentilly, p. 15-19.

COLLINS, H (1999) *Collins English Dictionary*. England: William Collins Sons & Co.

FERRER, C. (2003) “La curva pornográfica: El sufrimiento sin sentido y la tecnología”, in *Artefacto, pensamientos sobre la Técnica*. Buenos Aires: UBA, vol. 5.

FINE, B. & LEOPOLD, E. (1993) *The World of Consumption*. Londres: Routledge.

JAMESON, F. (1996) *Pós-modernism*. São Paulo: Ática.

HIRSCH, F. & KEGAN, P. (1977) *The social limits of growth*. Londres: Routledge.

LACAN, J. (1959) *El Seminario, Libro 6: El deseo y su interpretación*. Clase I, (inédito).

\_\_\_\_\_. (1959-1960/1986) *Le séminaire, livre VII: L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil.

\_\_\_\_\_. (1974) "La troisième", in *Lettres de l'EFPP*. Paris: EFP, n. 16, nov. 1975, p. 178-203.

\_\_\_\_\_. (1974/1988) "La Tercera", in *Intervenciones y textos*, n. 2, Buenos Aires: Manantial.

\_\_\_\_\_. (1972-73/2003) *O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

\_\_\_\_\_. (2002) *El Seminario, libro 17: El revés del psicoanálisis*. Buenos Aires: Paidós.

\_\_\_\_\_. (1973) *Télévision*. Paris: Seuil.

\_\_\_\_\_. (2003) "Televisão", in *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LIPOVESTKY, G. (1990) "El placer del valor de uso", in *El imperio de lo efímero. La moda y su destino en las sociedades modernas*. Barcelona: Anagrama.

MARX, K. (1856/1999) "Discurso pronunciado no aniversário de People's Paper", in *Marx/Engels Selected Works*, Vol. I. Londres: Progress Publishers.

MCCRACKEN, G. (1988) *Culture and Consumption: New Approaches to the Symbolic Character of Consumer Goods and Activities*. Bloomington: Indiana University Press.

MILLER, J.-A. (2005) “Uma fantasia”, in *Opção Lacaniana*, n. 42. São Paulo: Eolia.

MILLER, J., (1994) “La résistible ascension du gadget”, in *La psychanalyse et les gadgets. Bibliothèque Confluents*. Volume Corbeil, ACF Île de France: Gentilly, p.34-35.

SALE, K. (1996) *Rebels Against the Future: The Luddites and Their War on the Industrial Revolution – Lessons for the Computer Age*. New York: Perseus Publishing.

USBORNE, S. (2007) “101 gadgets that changed the world”, in *The Independent*. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/life-style/gadgets-and-tech/features/101-gadgets-that-changed-the-world-398535.html>.

## The *Gadgets*

**Abstract:** Man as a prosthetic god, as defined by Freud, establishes symptomatic relations with the objects that support this function: either they seduce desire, cause it, or they obdurate it. The gadgets as products of the marriage between science and capital are witnesses to the failure of culture in its attempt to rationalize the instrumental. They reveal in the purest form the savage spell that in the words of Marx marks the excessiveness of capitalist production as useless. Nowadays they are signs of the ethic, esthetic and material practice of the ephemeral. Lacan thought that they will never truly animate us, but we will always make a sinthome around them.

**Key words:** gadgets; capitalist discourse; civilization discontent; technology

Recebido em 28/04/08

Aprovado em 02/06/08

